

# NOVAS MEDALHAS

## MEDALHA DA E. F. I.

Emitida para a Exposição Filatélica Internacional e comemorando o I Centenário do Selo Português, vimos uma medalha em bronze com a effigie de D. Maria II.

Medalha modelada em relevo moderado, sem qualquer assinatura, parece à primeira vista um simples arranjo, talvez um pouco descuidado, e onde apenas sobressaiem os adminículos do reverso.

De facto o desenho da cabeça da Soberana deixa bastante a desejar, e o tipo da legenda, que a circunda, não prima pela boa escolha e colocação.

Entretanto, o reverso é agradável e denota uma certa delicadeza de composição, que contrasta singularmente com a outra face.

Com as possibilidades actuais dos medalhistas portugueses, e do ferramental hoje existente, é pena que não se aproveitem todas as oportunidades para se cultivar em Portugal o gosto das medalhas, permitindo, por meio de concursos, o estímulo indispensável aos respectivos artistas.



N.º 2 — 1953 — *Com.va do 1.º Centenário do Selo Português.*

Na orla, a legenda, que começa em baixo, do lado esquerdo: MARIA II. PORTUGAL. REGINA. No exergo, dentro dum elemento decorativo: 1853.

ã. — Dentro de uma cercadura ornamental, a seguinte inscrição, em nove linhas horizontais: « LISBOA 1953 » — EXPOSIÇÃO — FILATÉLICA — INTERNA-CIONAL — COMEMORATIVA — 1.º CENTENÁRIO — SELO — PORTUGUÊS — I-VII-MCMLIII.

## MEDALHA DE GARRETT

Soubemos que vai ser posta a concurso a execução de uma medalha comemorativa do centenário da morte de Garrett.

Merece especial relêvo esta notícia, e pena é não podermos publicar já as condições do respectivo certame.

Nos dias de hoje, com as novas técnicas do fabrico de medalhas, aparecem vários problemas num concurso deste género. O torno de redução, a cunhagem, a galvanoplastia, a fundição e as pátinas químicas são elementos a considerar e que não se podem subestimar.

A medalha fundida tem grandes apreciadores, pela agradável autonomia e personalidade que a caracteriza. À desagradável regularidade existente nas medalhas de fabricação por cunho, de arestas agressivas, até mesmo ao nosso tacto, contrapõe a fundição uma obra cheia de vida e de frescura, vincadamente manual, onde o bom artista, liberto da máquina, consegue imprimir-lhe o máximo do seu valor conceptual.

E nós hoje possuímos já, felizmente, bastantes artistas, que podem realizar num disco metálico de poucos centímetros de diâmetro, uma obra séria, sedutora e característica da nossa época.

O Visconde de Almeida Garrett merece-a bem.

A propósito, apetece-nos lembrar, aqui, a medalha comemorativa da celebração em Paris, do Centenário do nascimento de Garrett mandada cunhar pela colónia portuguesa naquela cidade em 1899, e que foi modelada pelo escultor português Thomas Costa e gravada por H. Dubois.

A ela se refere desenvolvidamente Arthur Lamas na sua obra Medalhas Portuguesas, 1916, onde tem o número 341.

ALEXANDRE FERREIRA BARROS.